

## **REFLEXÕES SOBRE PROCESSOS DE INCLUSÃO/EXCLUSÃO NA FORMAÇÃO DOCENTE: RELATOS DE LICENCIANDOS(AS) EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Maria Luíza Mendes Santos – UFRJ

Samara Oliveira Silva - UFRJ

Michele Pereira de Souza da Fonseca - UFRJ

### **RESUMO**

Este resumo tem por objetivo analisar as percepções de licenciandos em Educação Física sobre sua trajetória na universidade, considerando momentos em que se sentiram incluídos/excluídos. Para isso nos embasamos em um conceito de inclusão que é amplo, processual, dialético e infindável (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos; Fonseca; Melo, 2009). Em contraponto ao histórico da Educação Física, nos baseamos em um conceito de formação docente na e para perspectiva inclusiva (Fonseca 2021). Para isso, realizamos uma pesquisa qualitativa (Turato, 2003), com 112 estudantes de Licenciatura em Educação Física da UFRJ, que foram questionados quando se sentiram excluídos na Universidade. A partir das respostas emergiram duas categorias: assédio e de inferiorização do ser mulher e desigualdade social e econômica. Tais relatos denunciam a naturalização da violência e fortalecem a masculinidade hegemônica presente na sociedade, além da falta de sensibilidade e consciência social por parte de alguns docentes. Desta maneira, essas questões urgem ser problematizadas ainda durante a formação docente, não basta formar para inclusão se essas pessoas se sentem excluídas e não tem suas diferenças reconhecidas e valorizadas ao longo da trajetória formativa.

**Palavras-chave:** Inclusão; Educação Física; Formação docente.

### **INTRODUÇÃO**

Compreendendo a complexidade das relações humanas, temas como inclusão e diferenças são pautas atuais que não podem ser negligenciadas. Candau (2011) aponta as instituições educacionais como instrumento de manutenção da ótica político-social, negando as diferenças e priorizando padrões que reforçam uma maneira mais uniforme e homogênea de ser. No entanto, a autora aponta que as diferenças precisam ser identificadas, reconhecidas e valorizadas no ambiente educacional como vantagem pedagógica e não como sinônimo de desigualdade.

Considerando isso, o conceito de inclusão que nos apoiamos é amplo, processual, dialético e infindável (Sawaia, 2022; Booth; Ainscow, 2012; Santos; Fonseca; Melo, 2009), envolvendo mudanças substanciais para aumentar a aprendizagem e participação de todas as pessoas. Citamos ‘todos(as)’, não na tentativa de generalizar ou homogeneizar, pelo contrário, buscamos considerar suas singularidades e necessidades específicas. Isso nos demanda um olhar abrangente aos direitos humanos e sociais, numa perspectiva que não pretende segregar pessoas por suas características físicas, cognitivas, sociais, culturais, religiosas, étnico-raciais ou quaisquer outras, que historicamente são rotuladas, subalternizadas e excluídas por tal razão.

Ao considerar a inclusão por esse prisma, reconhecemos a necessidade de refletirmos sobre essas questões para atuarmos coletivamente no combate/minimização de pressões excludentes de toda ordem e na transformação social.

Especificamente no campo da Educação Física é possível observar marcas de uma história excludente, com foco no rendimento e na performance (Fonseca, 2021). Historicamente, processos de exclusão nessa área estão associados a habilidade motora, porém, outras formas de opressão também têm se mostrado presentes, o que reforça a manutenção de práticas capacitistas, machistas, patriarcais, eurocêntricas e elitistas da nossa sociedade e que precisam ser problematizadas.

Segundo Fonseca (2021), a não resignificação de processos de exclusão durante a formação, pode apontar uma tendência de que os(as) estudantes reproduzam tais exclusões em sua ação docente no ambiente escolar. Nesse sentido, ainda segundo a autora, nos baseamos em um conceito de formação docente na e para perspectiva inclusiva, que afirma que se esses(as) não forem considerados enquanto seres singulares ainda na sua própria graduação, como poderão em suas ações profissionais futuras pensar estratégias para contemplar todas as pessoas? Assim, este trabalho tem por objetivo analisar as percepções de licenciandos(as) em Educação Física sobre sua trajetória na universidade, considerando momentos em que se sentiram incluídos/excluídos.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Este estudo utiliza abordagem qualitativa (Turato, 2003, p. 168) que implica em “entender/interpretar os sentidos e as significações que uma pessoa dá aos fenômenos em foco”. Isso reforça a importância de se considerar o caráter histórico, as interpretações, representações e experiências dos sujeitos.

Cento e doze estudantes com matrícula ativa no curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Rio de Janeiro responderam voluntariamente a um questionário, contendo 10 perguntas. Para este trabalho, enfocaremos em uma das problematizações. Pedimos aos(as) estudantes que escrevessem a situação que mais o(a) impactou envolvendo a reflexão: “*Na universidade, me senti excluído quando...*”. Considerando as percepções e experiências dos(as) respondentes, elencamos categorias que emergiram a partir dos relatos dos(as) estudantes, para este recorte enfocaremos em duas categorias: assédio e de inferiorização do ser mulher e desigualdade social e econômica.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sobre casos explícitos de assédio e de inferiorização do ser mulher:

Fui assediada pelo professor. Foram inúmeras situações constrangedoras, ele não para nunca e sei que faz isso há anos com muitas meninas. A gente é mulher, se sente sozinha e insegura para levar isso a frente. Ele é o professor e eu sou só uma aluna. (R.22)

Professores homens fazem piadas machistas durante a aula e ninguém fala nada e ainda ri. Fazem piada sobre a incapacidade da mulher, que sempre chega por último. O pior, tem meninas que riem também...(R.31)

Não cheguei a me sentir excluído, mas um dia um professor falou pra mim, que as meninas estavam jogando melhor que eu e que isso era uma vergonha. (R.87)

A objetificação da mulher em casos de assédio envolvendo professores e estudantes também foi relatada e descortina uma expressiva situação de herança patriarcal de dominação do homem sobre a mulher (Connel, 1995), além de revelar uma hierarquia da relação professor-aluna e o sentimento de impotência perante a um evidente caso de assédio. Infelizmente narrativas como essas são cada vez mais comuns no ambiente educacional. Os relatos são impactantes e quando refletimos que esses casos ocorreram na trajetória formativa o prejuízo pode ser muito maior. Somado a isso, Fonseca (2021) enfatiza que a formação para a perspectiva inclusiva advém de todo caminho trilhado durante a formação, incluindo também o campo do ensino e preceitos atitudinais, porque o objetivo é formar para lidar com as diferenças, entendendo as singularidades dos(as) estudantes.

Neste cenário, o(a) docente assume um papel primordial de educar, acolher e promover discussões/reflexões que estimulem práticas inclusivas dentro e fora do contexto escolar. Assim, consideramos a formação como um exercício de constante reflexão e não como um período estanque de preparação puramente instrumental, técnica e resolutivo (Fonseca, 2021). Tais relatos denunciam a naturalização da violência e fortalecem a masculinidade hegemônica presente na sociedade brasileira. Um aspecto preocupante é a naturalização da exclusão por parte dos(as) estudantes. Percebemos que em alguns casos geralmente há uma “plateia” e a vítima na maioria das vezes se cala e aceita a agressão por medo, vergonha ou insegurança. Diante dessas situações, o silêncio é tão significativo quanto as palavras insensíveis relatadas por esses professores. Por essa razão, é de extrema importância que todo corpo social mantenha um posicionamento contrário e firme diante de condutas discriminatórias.

Sobre os relatos envolvendo classe social, a problemática da desigualdade social e econômica evidenciamos que:

A professora exige uniforme e eu não tenho dinheiro para comprar. Já tive que pegar emprestado a blusa do uniforme com um colega de outro período porque ela tira ponto. Depois tive que me virar pra comprar, mas ela nem quer saber. Até a meia tem que ter



XXII ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICAS DE ENSINO

um tamanho, sem noção. O uniforme é um short azul marinho e fui com um short azul mais claro que eu já tinha, ela reclamou dizendo que eu estava com a cor errada. (R.54)

Às vezes não tenho 2 reais para comer no bandejão...(R.38)

Tem o grupinho dos ferrados e dos bem de vida. Acho que tem mais ferrado, mas tem uma certa separação. Minha vizinha estudou na EEFD em 1999 e disse que era bem pior, que a maioria tinha carro e nessa época não tinha nem bandejão. (R.27)

A falta de sensibilidade e consciência social por parte de alguns(mas) docentes transparecem na percepção dos(as) estudantes ao sinalizar a exigência de vestimenta específica para a aula, sem se importar com a real possibilidade financeira. Isso denota o sentimento de indiferença por parte dos(as) professores(as) formadores em relação à realidade social desses(as) estudantes. Sobre isso, concordamos com as concepções de Freire (1996), que enfatiza que há necessidade de reflexão crítica sobre a prática docente, que deve envolver um processo dialético e dinâmico entre o fazer e o pensar, entre educador e educando.

A dificuldade estrutural de se manter financeiramente na universidade é evidente, dada a sociedade desigual em que vivemos, mesmo com subsídios como restaurante universitário (bandejão), bolsa de auxílio permanência que foram implementadas para apoiar estudantes no ingresso e manutenção de matrícula na universidade. Consideramos que nos últimos anos, com advento das ações afirmativas, a universidade tem se tornado a cada dia mais diversa e menos elitizada, porém ainda há relações que se estabelecem considerando a classe social.

Ratificamos que todas as instituições educacionais deveriam conhecer e ser sensíveis às problemáticas que afetam seus estudantes, com o propósito de criar estratégias para a garantia da permanência em condições mais inclusivas. Ressaltamos que a luta por justiça social acontece de maneira coletiva com o objetivo de fomentar um debate em que a consciência do papel político seja o cerne para a constituição de sujeitos críticos e reflexivos, entendendo a educação enquanto direito e que a Universidade Pública é um espaço que deve ser ocupado por pessoas de distintas realidades.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Ao analisarmos as percepções de licenciandos(as) sobre o sentimento de inclusão/exclusão, nos deparamos com categorias que não são inéditas, mas que ainda precisam cada vez mais ser pontuadas e problematizadas para que exclusões históricas sejam expostas e combatidas. É bastante difícil ler tantos relatos que representam dor e sofrimento que existem cotidianamente, mas que estão aqui como forma de apontar práticas vexatórias que ainda ocorrem numa universidade pública. Ademais esse fator, é interessante pensar que, para que

haja a denúncia é fundamental que a vítima se sinta segura e confie no processo. Pelos relatos, entendemos que é importante abrir outros canais de acolhimento a essas demandas na Universidade, porém, o questionário de certa maneira se mostrou uma possibilidade de exposição e denúncia.

Os(as) estudantes já reconhecem o que é excludente e ofensivo. Desta maneira, essas questões urgem ser problematizadas ainda durante a formação docente. Os relatos aqui elencados dialogam com reflexões sobre formação na e para perspectiva inclusiva (Fonseca, 2021), justificando que é fundamental a preocupação em formar professores para lidar com as diferenças em suas ações profissionais futuras, mas não se pode negligenciar também se eles(as), enquanto seres singulares são considerados na formação. Ou seja, não basta formar para inclusão se essas pessoas se sentem excluídas e não tem suas diferenças reconhecidas e valorizadas ao longo da trajetória formativa.

## REFERÊNCIAS

BOOTH, Tony; AINSCOW, Mel. **Index Para a Inclusão**. Desenvolvendo a aprendizagem e a participação na escola. Traduzido por: Mônica Pereira dos Santos. Rio de Janeiro. Produzido pelo LAPEADE, 2012.

CANDAU, Vera. Diferenças Culturais, Cotidiano Escolar e Práticas Pedagógicas. **Currículo sem Fronteiras**, v.11, n.2, p.240-255, 2011.

CONNELL, Raewyn. Masculinidades corporativas no contexto global: um estudo de caso de dinâmica conservadora de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, v.40, p.323-344, 2013.

FONSECA, Michele. Formação Docente em Educação Física na e para perspectiva inclusiva: reflexões sobre Brasil e Portugal, **Revista Aleph**, Rio de Janeiro, p. 42-74, 2021.

FREIRE. Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996

SANTOS, Monica; FONSECA, Michele; MELO, Sandra. **Inclusão em Educação**: diferentes interfaces. Curitiba, CRV, 2009.

SAWAIA, Bader. **As artimanhas da Exclusão** – análise psicossocial e ética da desigualdade social. Petrópolis: Vozes, 2022.

TURATO, Egberto. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico - qualitativa**: construção teórico metodológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas. Petrópolis: Vozes, 2003.